

LITTERATURA

O CONTRACTO

Quem quizer celebrar um consorcio, examine primeiro as condições, depois as forças proprias, e, finalmente, faça um calculo de probabilidades. Foi o que não cumpriram estas duas meninas de collegio, cuja historia vou contar em tres folhas de almasso. Eram amigas, e não se conheciam antes. Conheceram-se alli, sympathisaram uma com a outra, e travaram uma d'essas amizades que resistem aos annos, e são muita vez a melhor recordação do passado. Josepha tinha mais um anno que Laura; era a differença. No mais as mesmas. Igual estatura, igual indole, eguaes olhos e igual nascimento. Eram filhas de funcionarios publicos, ambas dispondo de um certo legado, que lhes deixara o padrinho. Para que a semelhança seja completa, o padrinho era o mesmo, um certo commendador Braz, capitalista.

Com tal ajuste de condições e circumstancias, não precisavam mais nada para serem amigas. O collegio ligou-as desde tenros annos. No fim de poucos mezes de frequencia, eram as mais unidas creaturas de todo elle, a ponto de causar inveja ás outras, e até desconfiança, porque como cochichavam muita vez sosinhas, as outras imaginavam que diziam mal das companheiras. Naturalmente, as relações continuaram cá fóra, durante o collegio, e as familias vieram a ligar-se, graças ás meninas. Não digo nada das familias, por que não é o principal do escripto, e eu prometti escrever isto em tres folhas de almasso; basta saber que tinham ainda pae e mãe. Um dia, no collegio, contavam ellas onze e doze annos, lembrou-se Laura de propor á outra, adivinhem o que? Vamos ver se são capazes de adivinhar o que foi. Fallavam do casamento de uma prima de Josepha, e que ha de lembrar a outra?

— Vamos fazer um contracto?

— Que é?

— Mas diga se você quer...

— Mas si eu não sei o que é?

— Vamos fazer um contracto: — casar no mesmo dia, na mesma egreja...

— Valeu! nem você casa primeiro nem eu; mas hade ser no mesmo dia.

— Justamente.

Bem pouco valor teria este convenio, celebrado aos onze annos, no jardim do collegio, se ficasse n'aquillo; mas não ficou. Ellas foram crescendo e alludindo a elle. Antes dos treze annos já o tinham ratificado sete ou oito vezes. Aos quinze, aos deseseis, aos desesete tornavam ás clausulas, com uma certa insistencia que era tanto da amizade que as unia como do proprio objecto da conversação, que deleita naturalmente os corações de desesete annos. Dahi um effeito certo. Não só a conversação as ia obrigando uma para a outra como consigo mesmas. Aos dezoito annos, cada uma dellas tinha aquelle accordo infantil como um preceito religioso.

Não digo se ellas andavam anciosas de cumpril-o, porque uma tal disposição de animo pertence ao numero das cousas provaveis e quasi certas; de maneira que, no espirito do leitor, podemos crer que é uma questão vencida. Restava só que apparecessem os noivos, e elles não appareciam; mas, aos desenove annos é facil esperar, e ellas esperavam. No entanto, andavam sempre juntas, iam juntas ao theatro, aos bailes, aos passeios; Josepha ia passar com Laura oito dias, quinze dias; Laura ia depois passal-os com Josepha. Dormiam juntas. Tinham confidencias intimas; uma referia á outra a impressão que lhe causara um certo bigode, e ouvia a narração que a outra lhe fazia do mundo de cousas que achára em taes ou taes olhos masculinos. Deste modo punham em commum as impressões e partiam entre si o fructo da experiencia.

Um dia, um dos taes bigodes deteve-se alguns instantes, espetou as guias no coração de Josepha, que desfalleceu, e não era para menos; quero dizer, deixou-se apaixonar. Pela commoção della ao contar o caso, pareceu a Laura que era uma impressão mais profunda e duradoura do que as do costume. Com effeito, o bigode voltou com as guias ainda mais agudas, e deu outro golpe ainda maior que o primeiro. Laura recebeu a amiga, beijou-lhe as feridas, talvez com a ideia de sorver o mal com o sangue, e animou-a muito a pedir ao ceu muitos mais golpes como aquelle.

— Eu cá, accrescentou ella; quero ver se me acontece a a mesma cousa...

— Com o Caetano?

— Qual Caetano!

— Outro?

— Outro, sim, senhora.

— Ingrata! Mas você não me disse nada?

— Como, se é fresquinho de hontem?

— Quem é?

Laura contou á outra o encontro de uns certos olhos pretos, muito bonitos, mas um tanto distrahdos, pertencentes a um corpo muito elegante, e tudo junto fazendo um bacharel. Estava encantada; não sonhava outra cousa. Josepha (fallemos a verdade) não ouviu nada do que a amiga lhe dissera; poz os olhos no bigode assassino e deixou-a fallar. No fim disse distinctamente:

— Muito bem.

— De maneira que póde ser que, em breve estejamos cumprindo o nosso contracto. No mesmo dia, na mesma egreja...

— Justamente, murmurou Josepha.

A outra dentro de poucos dias perdeu a confiança nos olhos negros. Ou elles não tinham pensado nella, ou eram distrahdos, ou volueis. A verdade é que Laura tirou-os do pensamento, e espreitou outros. Não os achou logo; mas os primeiros que achou, prendeu-os bem, e cuidou que eram para toda a eternidade; a prova de que era illusão é que, tendo elles de ir á Europa, em commissão do governo, não choraram uma lagryma de saudade; Laura entendeu trocal-os por outros, e raros, dous olhos azues muito bonitos. Estes, sim, eram doces, fieis, amigos, e promettiam ir até o fim, se a doença os não colhe, — uma tuberculose galopante que os levou aos campos do Jordão, e d'alli ao cemiterio.

Em tudo isso, gastou a moça uns seis mezes. Durante o mesmo prazo, a amiga não mudou de bigode, trocou muitas cartas com elle, elle relacionou-se na casa, e ninguem ignorava mais que entre ambos existia um laço intimo. O bigode perguntou-lhe muita vez se lhe dava autorisação de a pedir, ao que Josepha respondia que não, que esperasse um pouco.

— Mas esperar o que? inqueria elle, sem entender nada.

— Uma cousa.

Sabemos o que era a cousa; era o convenio collegial. Josepha ia contar á amiga as impaciencias do namorado, e dizia-lhe rindo:

— Você apresse-se...

Laura apressava-se. Olhava para a direita, para a esquerda, mas não via nada, e o tempo ia passando seis, sete, oito mezes. No fim de oito mezes, Josepha estava impaciente; tinha gasto cincoenta dias a dizer ao namorado que esperasse, e a outra não adiantou cousa nenhuma. Erro de Josepha; a outra adiantou alguma cousa. No meio daquelle tempo appareceu uma gravata no horizonte com todos os visos conjugaes. Laura confiou a noticia á amiga, que exultou muito ou mais que ella; mostrou-lhe a gravata, e Josepha approvou-a. tanto pela côr, como pelo laço, que era uma perfeição.

— Havemos de ser dois casaes...

— Acaba: dois casaes lindos.

— Eu ia dizer lindissimos.

E riam ambas. Uma tratava de conter as impaciencias do bigode, outra de animar o acanhamento da gravata, uma das mais timidas gravatas que tem andado por este mundo. Não se atrevia a nada, ou atrevia-se pouco. Josepha esperou, esperou, cançou de esperar; parecia-lhe brincadeira de criança; mandou a outra ao diabo, arrependeu-se do convenio, achou-o estúpido, tolo, cousa de creança; esfriou com a amiga, brigou com ella por causa de uma fita ou de um chapéo; um mez depois estava casada.

M. DE A.

HYGIENE

(Continuação)

VELHICE

Já alguém o disse: a mocidade é a primavera; é a velhice inverno. Comtudo não ha apenas saudades e reumatismos, rugas e paraliasias, apprehensões e rugas nos periodos derradeiros da vida. Os sentidos são menos vivos, mas não estão extinctos; as impressões são menos profundas, mais não de todo destituídos de doçura. Os velhos sentem-se viver e amam a vida, o que prova que a sua existencia não é um martyrio.

Ponhamos de parte a enumeração das molestias e enfermidades que affligem particularmente as pessoas que attingem avançada idade; vejamos apenas em que deve consistir principalmente a *arte de viver* a partir dos sessenta e cinco annos.

E em primeiro lugar restituamos á hygiene esta maxima que certas seitas religiosas lhe tomaram: *Tal vida, tal fim.*

Compara-se muitas vezes a velhice á infancia porque se julga que ha uma certa analogia entre essas edades extremas no que respeita á fraqueza organica e impotencia funcional.

Não ha nada tão infundado. E' como se comparasse uma folha de papel branco; virgem de tinta, como um manuscrito, amarellado pelo tempo e coberto de rabiscos, tudo é novo, tudo é sensações, tudo é excitante para a creança. Absorve por todos os póros o sol que a aquece, o ar que respira e a terra que come sob especies diversas. No velho os sentidos estão embotados, a pelle secca, a circulação do sangue difficil, a digestão lenta e o systema nervoso indolente. Tudo se embota pouco e pouco, os ossos tornam-se quebradiços e os musculos endurecem. As secreções diminuem ou acabam. Caem os dentes e os cabellos. A memoria perde em extensão, o espirito em vivacidade, o sentimento em expansão. Só o amor de si mesmo ou o instincto de conservação sobrevive em toda a sua intessidade e lucha ainda pela existencia, com a tenacidade do marinheiro que se apega ás taboas do naufragio.

Em semelhantes condições, como se deve viver?

Os velhos teem necessidade de muito repouso. Dermem pouco, mas descansam na cama. Gostam de deitar-se cedo e levantam-se com facilidade de manhan.

Partamos, pois, dahi.

Aos 65 annos, levantaes-vos das 5 para as 7 horas da manhan, no verão, das 6 para as 8 no inverno. Tomae uma chicara de café com leite, frio durante o calor, tepido em qualquer outra estação.

Vesti-vos conforme a estação e ide tomar ar durante 5, 10 ou 15 minutos no jardim ou na rua.

Das 7 para as 8 horas, almoço: pão, leite, café, chocolate, ovos quentes, fructas, doce de calda, conforme os gostos, as estações e os recursos pecuniarios:

Das 9 horas ao meio dia: Exercicios, trabalhos profissionaes, leitura, etc., conforme as aptidões, as forças e as necessidades.

Ao meio-dia: Distracções agradaveis, palestras, enquanto se espera o jantar, refeição principal.

O velho não deve ignorar que as carnes grelhadas, sangrentas, a caça, etc., não lhe convêm, não só porque não tem dentes, como porque as funções do estomago são mais laboriosas. O mesmo diremos dos legumes crus, das saladas. Fóra disso, póde comer de tudo, cortando em pedacinhos os alimentos e mastigando-os muito antes de engulir.

Immediatamente depois do jantar, calma physica e moral durante uma hora, quer passeie, quer converse, quer se ocupe de bagatellas.

A tarde será consagrada ás visitas ou passeios.

Uma vez por dia carne, peixe uma vez por semana, tal deve ser a regra stricta da velhice, principalmente depois dos 75 annos.

O serão, tanto no verão como no inverno, será curto e empregado em jogos ou outras distracções.

O velho deve deitar-se as 9 ou 10 horas, o mais tardar.

Esta subentendido que esta regra de vida não póde ser seguida inteiramente todos os dias. E' antes uma formula geral, um modelo, um ideal, que cada um procurará realizar o mais possivel, sem todavia fazer de seu corpo uma machina de precisão, cujos movimentos seriam invariavelmente repetidas a horas determinadas.

Toda gente, velhos, creanças, adolescentes e adultos, deve evacuar pelo menos uma vez por dia. Quando ella não vem naturalmente, é necessario provocal-a, todos os dias, durante longos annos, toda a vida si assim fór preciso por meio de clysteres, ou, de longe em longe, por meio de aguas mineraes laxativas ou um pouco de xarope de rhuibarbo.

O velho deve ter um fundo de bom humor. E' necessario que elle desça resolutamente, como sabio e como philosopho, a escarpa da vida; que em vez de preoccupar-se com o futuro, volte-lhe as costas, para gozar do presente e ouvir do passado.

Chegará deste modo, suavemente, á hora suprema, como um viajor fatigado chega ao termo da sua viagem.

Depois de uma longa, laboriosa e util carreira, ha de apagar-se, como tudo se apaga na penumbra de uma noite nascente: o horizonte estreita-se, todos os objectos ganham uma tinta uniforme, a luz apaga-se, o silencio torna-se mais e mais profundo. E' a noite de um bello dia!

DR. RICARD.



J. G. ...

P. 1845

LIVRINHO DE FAMILIA

Contra as pelliculas da cabeça.—Uma de minhas leitoras enviou-me uma receita para fazer desaparecer as pelliculas do couro cabelludo, e que produz, diz ella, os resultados mais espantosos. A receita é simples e consiste em lavar a cabeça de vez em quando com agua de alcatrão filtrado.

Preservativo contra as tonteiras.—As tonteiras que muitas pessoas sentem nos dias de grande calor proveem ás vezes de uma digestão incompleta. Pode-se evital-as bebendo no fim de cada refeição um copo de agua de Seltz com algumas gottas de sumo de limão.

Contra a constipação.—Todos os dias de manhã, em jejum, tomam-se algumas ostras bem frescas com a sua agua. Este remedio está ao alcance de todas as bolsas, é excellente e não tem de desagradavel.

Temperatura dos banhos quentes.—Ninguem imagina quanto é pernicioso tomar banhos muito quentes, mesmo no inverno.

Um banho não deve nunca exceder trinta e cinco grãos centigrados, e é até preferível tomal-os entre vinte e cinco e trinta graus. Evita-se assim a molleza que se sente geralmente ao sair dos banhos quentes, e, sobretudo não, se corre o risco de apanhar uma seria congestão.

Hygiene do toucad r—Eis um principio de hygiene que muita gente ignora. Não se deve nunca proceder ás abluições ordinarias immediatamente depois de ter comido.

Este habito perturba profundamente as funções digestivas.

Mingaus para creanças.—Os mingaus de farinha que se dão ás creanças constituem quasi sempre uma alimentação muito forte para os seus estomagos; a propria fécula nem sempre é bastante leve.

Quando a creança é delicada, é preferível dar-lhe mingau de farinha de milho, que é um alimento leve e ao mesmo tempo muito nutritivo.

O assucar estraga os dentes.—Ouve-se muitas vezes as mães dizerem aos seus pequerruchos: „Tu comes muito assucar, meu filho; depois ficas com os dentes estragados,“ e todavia muitas pessoas são scepticas a esse respeito.

O assucar goza effectivamente, da propriedade de dissolver os calcareos, como qualquer pessoa se póde convencer deixando ficar uma gotta de agua com assucar n'um mármore bem polido; dissolve pois com o tempo o esmalte dos dentes, e, por conseguinte determina a carie.

Balsamo contra os córtes.—Quando a gente se córta, tem o cuidado de lhe applicar logo pontos falsos, e muitas vezes a cura faz-se esperar mais tempo do que se deseja. A mistura seguinte; na qual se embebe uma pequena compressa, é muito mais expedita:

Tintura de benioim. }
 “ “ aloes... } Partes iguaes
 “ “ arnica.. }

Estes ingredientes encontram-se em todas as pharmacias.

Molestias occasionadas pelo calor.—Succede ás vezes que, na volta de um passeio em tempo de muito calor, e descansando-se n'um aposento arejado, sente-se um máu estar particular, uma especie de vertigem. E' bom tomar um pouco de café frio e lavar com agua fria as mãos e o rosto: o máu estar desaparece subitamente.

Conselho para evitar as convulsões nas creanças.—Em certas creanças, a febre que acompanha a denticão determina convulsões. Logo que apparece a febre, applica-se sinapismos ás pernas da creança e dá-se-lhe um simples clyster de agua pura. Este é o conselho de um excellente medico.

Regeneração dos cabellos.—Todas as mães desejam que suas filhas tenham uma cabelleira comprida e espessa. Eis uma receita excellente para obter esse resultado. Esfregar todos os dias a cabeça das creanças, de modo que o liquido penetre até a pelle, com a mistura seguinte:

Oleo de amendoas doces. 100 grammas.
 Alcool 27 ”
 Tintura de cantharidas . 2 ”
 essencia de bergamotta. 15 gottas.

E' necessario sacodir o liquido antes de usal-o.

A's pessoas constipadas.—Tomae todas as noites, ao deitar, uma chicara de leite bem quente com um pouco de agua de flores de laranjas e um pequeno calix de kirsch.

A arte de conservar os cabellos.—A necessidade que tem muitos empregados de trabalhar todo o dia á luz do gaz determina calvicies precoces. As pessoas que estão nestas condições devem trazer o cabelo cortado á 'escovinha. E' o unico meio de o conservar.

Para repousar os olhos.—As pessoas que se entregam a trabalhos delicados e que exigem uma grande attenção, experimentam ao cabo de certo tempo uma grande fadiga nos olhos, que se manifesta pela passagem de sombras momentaneas, como moscas que voam por diante dos olhos. Quando se sente um começo de fadiga, é necessario desviar os olhos momentaneamente do trabalho e fechal-os em seguida durante alguns segundos.

POESIA

Beatriz! Beatriz! sombra querida,
 Branca visão que em toda a parte vejo,
 E's a ventura unica que almejo,
 Que outra igual me não fóra concedida.

Meu amor, minha crença e minha vida,
 Todo o bem com que sonho e que antevejo,
 Tudo que aspiro e tudó que desejo
 A ti te devo, ó alma commovida!

Do meu amor não saibas todavia;
 Pois que si igual amor te não mereço,
 Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dor de que padeço;
 Si tal fraqueza chamam cobardia,
 Eu serei um cobarde por tal preço!

ADELINO FONTOURA.

VARIEDADES

CONSELHOS AOS CANTORES

O canto, „essa segunda voz dada ao homem“, como dizia J. J. Rousseau, carecé, para se produzir, não só da absoluta integridade do larynge, (orgão dessa função), mas ainda de uma saude geral perfeita, de um bem-estar physico e moral absolutamente completo.

O cantor deve portanto compenetrar-se da extrema importancia que tem para elle a hygiene geral, e não desprezar nenhum dos seus preceitos.

Para conservar as tres qualidades primordias do canto, a pronuncia, a accentuação e a expressão, importa seguir um bom methodo de ensino; não entregar ao acaso modulações que tem neccessidade de uma severa disciplina, exercer principalmente a voz no medio, como exigia razoavelmente Bataille. O cantor terá o pescoço e o peito livres e evitará cintas, gravatas e espartilhos apertados, que são outros tantos obstaculos á emissão da voz. Evitará o canto muito tempo sustentado, sobretudo no modo agudo, e, se quizer evtar a rouquidão, ha de parar (sempre que for possivel) desde que sentir a sensação de fadiga.

Antes de cantar, abster-se-ha de todo o exercicio violento: a dança, a marcha, as conversações animadas e principalmente as gargalhadas e as discussões, que roubam ás cordas vocaes a sua precisão e o seu vigor.

Durante o canto, cumpre fazer inspirações profundas e regulares e não entortar o pescoço: toda a contracção espasmodica dos musculos do pescoço torna a voz defeituosa.

O exercicio do canto desenvolve e fortifica o peito dos individuos saos; mas é soberanamente prejudicial aos que são fracos, especialmente quando os pulmões são delicados. Neste caso, o menor esforço de voz determina estados congestivos, escarros de sangue, hernias, etc. Cumpre renunciar a uma profissão com a qual não se compadece o organismo e em que as constituições debeis nunca tiveram o menor futuro.

Aconselhamos aos artistas que nunca prolonguem os seus exercicios vocaes. Exercitar-se-ão dez minutos e descansarão um quarto de hora alternativamente. Deste modo o larynge não se fatiga, e a voz, em vez de se quebrar, reforça-se e *assentz-se*. Os exercicios só se realizarão pela manhã, ou algumas horas depois das refeições, para que as funções digestivas não venham perturbar o jogo do acto respiratorio e a vocalisação.

A alimentação do cantor será reparadora, mas suave e leve. O cantor evitará os alimentos seccos, salgados e condimentados (as nozes, as amendoas, as carnes fumadas e conservas): todos esses alimentos absorvem muita saliva; seccam e irritam a garganta, que deve estar sempre san e ligeiramente humedecida para a-bon' emissão do canto. Deverá renunciar, em consequencia de razões analogas, aos fructos acidos, aos alimentos acres, aos licores alcoolicos, ao tabaco, ao café e ao chá (que se pode, todavia, tolerar em pequena quantidade e em infusões fracas).

O cantor evitará as temperaturas excessivas, o frio humido as transições thermicas violentas, os sitios cheios de vapores irritantes, (tabaco). Evitará principalmente o resfriamento dos pés, das mãos, do pescoço e do peito, causa frequente das rouquidões e das laryngites. As senhoras, especialmente quando indispostas, evitarão o frio e as correntes de ar, as bebidas geladas, a immersão das mãos em agua fria.

O cantor deve, além disso, evitar todo e qualquer excesso. As vigílias, as fadigas, a vida irregular, a colera, a tristeza, as commoções, são soberanamente prejudiciaes a voz. A historia anecdotica do theatro parece provar que todos os artistas que conservaram por muito tempo um orgão magnifico, foram modelos de sobriedade, de virtude, de existencia pacata e (digamol-o tambem) igoista. Para conservar o thesouro fragil da voz, é preciso tratal-a como um avaro, com um cuidado cioso e exclusivo.

O somno do cantor será de sete a oito horas; o seu quarto de dormir será muito arejado; tomara de dois em dois dias um banho geral tepido para favorecer a reacção da pelle ás impressões exteriores.

O artista deverá cuidar, *sem demora*, a menor angina, a menor inchachão das amygdalas e do pharynge, o menor coryza, o mais insignificante defluxo. Os cuidados consistirão; primeiramente, no repouso absoluto da voz; depois tomará agua quente assucarada com hydrolato de flores de laranja, infusão de coca com xarope de terebenthina, etc., etc. Si esses meios *anodynos* não produzirem effeito, recorra immediatamente aos cuidados de um bom medico.

Os cantores enrrouquecem ás vezes em scena subitamente. Para prevenir essa desagradavel contrariedade, aconselhamos ás pessoas predispostas a isso as bebidas emollientes, as pastilhas de borax, as fricções no pescoço de alcool camphorado, os banhos sulfureos, e principalmente banhos de pés, sinapisados, antes de entrar em scena.

DR. E. MONIN.

OS CABELLOS POSTIÇOS

Um medico inglez, o doutor Simmond que foi mordido pelo demonio da estatistica, depois de ter examinado de muito perto uma porção de cabellos postiços comprados em França, chegou aos seguintes resultados:

A porção continha 3,640 cabellos de diversas nacionalidades: 13 cabellos de uma Russa, 11 de uma Belga, 2 de uma Sueca, 68 de tres Inglezas, 126 de duas Italianas, 19 de uma Tunisiana, 82 de duas Allemães; total, 529 cabellos.

Resta por conseguinte para os cabellos de origem franceza: 317 de senhoras pertencentes á aristocracia, 927 de senhoras de classe media, 513 de trabalhadoras e creadas, 1,338 de mulheres do *demi-monde*, 16 de uma especie de vagabundo, o que somma 3,111 cabellos francezes originarios de todas as classes sociaes e 529 cabellos de estrangeiras pertencentes a diversas nacionalidades; ao todo 3,640 cabellos n'uma só trança!...

Cada trança, segundo um escriptor que se occupou muito da applicação industrial dos cabellos, cada trança, pesando de 60 a 80 grammas, contém cabellos de mais de duzentas pessoas.

Os cabellos, que as mulheres deitam fóra e que o vento leva, são apanhados pelos cabelleiros, que os colleccionam e os vendem por um preço relativamente alto: de seis a nove francos o kilogramma.

E' tão grande o culto pelos cabellos postiços que se vendem annualmente em Paris cerca de 100,000 kilogrammas.

Ha alguns annos, a China onde algumas centenas de milhões de habitantes trazem a cabeça completamente rapada, exporta uma certa quantidade de tranças; mas estas são pouco estimadas porque não possuem as qualidades que distinguem os cabellos dos Europeus.

B. P.

AS NOSSAS GRAVURAS

Feliz mãe

Haverá n'este mundo mais lindo, mais gracioso e attraente quadro do que o da felicidade de uma mãe. A innocente criança esboçou o seu primeiro sorriso, seu olhar, até agora incerto, fixou-se sobre os olhos de sua mãe, olhos cheios de ternura e de alegria, que procuram despertar ainda esse angelico sorriso, que penetra até o intimo do coração materno. A avó commovida contempla a criança, lembrando-se, sentindo ainda vivas, suas proprias emoções de mãe. Até a irmãzinha mais velha fica distraída na sua refeição, por essa contemplação muda e alegre, que a todos faz esquecer o tempo e dá á pobre casa encantos desconhecidos nos ricos palacios.

O Tamanduá

Do Jardim Zoologico de Berlin

A Prussia procura por todos os meios tornar a sua capital digna de rivalisar com as outras grande capitães da Europa. Seu Jardim Zoologico, povoado por representantes de numerosas especies animaes, acaba de enriquecer-se com um gigantesco tamanduá bandeira, oriundo da America do Sul. Como sabem os nossos leitores, este animal desdentado vive no seio das nossas florestas, onde faz guerra encarnizada ás formigas, diminuindo de algum modo, a excessiva multiplicação do insecto damninho. Os macacos acostumaram-se depressa á presença do novo hospede, que se tornou para elles novo brinquedo, tanto mais agradável quanto a mansidão natural do tamanduá e seus movimentos embaraçados e lentos, assegura-lhes a impunidade, quando a brincadeira ultrapassa os limites permittidos,

A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 22 de fevereiro de 1884.

Eu fallei-lhes, ha quinze dias de Friburgo, da sua gente, dos seus usos e costumes.

Promettendo-lhes, devem estar lembradas, occupar-me depois de Petropolis.

Chegou portanto a vez de fallar de Petropolis, da sua vida e dos seus encantos.

Eu desço justamente do magnifico bueno retiro fluminense. Venho ainda fresco das suas brisas sadias, perfumado do aroma das suas flores.

Oh! as flores! como eu as adoro, e como Petropolis as tem bellas, raras, variadas!

N'este ponto é grande a vantagem que leva a cidade alleman sobre a villa suissa.

Petropolis tem com effeito mais flores do que Friburgo, mais bellas, mais variadas.

Friburgo não planta, não cultiva; tem as flores que a natureza lhe dá.

Não tem nem o grande amor do jardim, nem a doce religião das flores.

Deixa agir a natureza.

Flora não é cousa nenhuma entre as nove musas, para Friburgo.

Se as flores vem, ella colhe-as; mas sem devoção, sem agradecimento.

E quanto ás arvores, é ainda preciso que ellas não cresçam muito, e que não lhes tirem a vista, aos friburguenses.

Os magestosos pinheiros do Passeio publico, as esplendidas e floridas bougainvillas da praça de D. Izabel estão ameaçados na sua vida, porque não deixam o friburguense ver bem claramente na casa do visinho, de defronte.

Sob pretexto de que um pinheiro havia attraído um raio, a camara de Friburgo mandou derrubar a mais frondosa, a mais respeitavel arvore da villa.

A este respeito portanto, a deliciosa villa precisa realmente de ser catechizada.

Petropolis, ao contrario, tem a verdadeira religião das flores, ama-as e cuida d'ellas.

E as flores são ciosas, querem ser amadas,

Graças talvez ás suas exposições, desde muito que a floricultura tem ali o seu culto.

Quasi todas as casas tem o seu jardim bem cuidado, bem tratado.

E' um gosto ver quanta novidade e que viço!

Isto alegre a cidade, torna-a graciosa, risonha e até poetica, com os seus novos chalets, rodeados de flores.

E' um jardim de delicias.

Todavia, eu confesso, para estar, para viver a estação calmosa, Friburgo ainda é talvez preferivel.

Os ares de Friburgo são mais saudáveis; e os seus passeios mais atrahentes, mais aprazíveis.

Petropolis é quasi só a cidade, e a estação, agora, do caminho de ferro.

A vida é mais ruidosa, porem mais dentro de casa, nos hotéis, no Bragança.

Ha uma hora certa para tudo, para o passeio, para ir á estação ver quem vem da Côte.

A vida é pois monotona, aborrecida.

E' portanto muito maior a concorrência, mais frequentemente renovada, mais variada, porém.

Todo o mundo vae a Petropolis, enquanto poucos, bem poucos, vão a Friburgo.

Nesta epocha do anno, toda a especie de gente, por diversos motivos, sobe a serra.

Uns escravos calmos d'uma grande paixão, outros guiados por um interesse.

Estes vão pedir ás paisagens do campo o quadro d'um romance já vivido.

Aquelles esperam beber nas Lethes das montanhas o eterno esquecimento.

Ha-os de toda a sorte, de toda a especie, de todo o genero.

Mas quaesquer que sejam as suas preocupações, pode-se dividir em duas cathogorias os emigrantes:

Os que vão por necessidade; e os que vão por moda. Ou ainda: os que viajam para ver; e os que viajam para serem vistos.

E' sobretudo a Petropolis que se vae para ser-se visto—é vista sobretudo.

Eu conheço alguém que quando não sobe a serra, pede a todos os seus intimos:

— Não diga a ninguem que estou na corte, não, eu lhe previno sim?

E' pois uma questão de moda, de chic, de bom tom: é forçoso estar em Petropolis.

— E' fresco, é saudavel, allega-se.

Quando chove sobretudo, como aqui; e como não ha rua do Ouvidor onde ir, ninguem dá fé, mas la chove mais, chove sempre. Está ali a grande vantagem de Petropolis, Não é que eu condemne a mudança de ar, não.

A variedade deleita e, disse um philosopho, *le bonheur n'est que dans l'inconstance.*

Tanto a cidade quanto a villa são magnificas, adoráveis, mas...

Mas basta de serras, não acham?

Realmente...

Muito bom clima, muito aprazível, muito hygienico até aquillo lá por cima.

Mas eu confesso, prefiro ainda o Rio de Janeiro com todas as suas maselas.

Aqui, com effeito, é o grande laboratorio, onde tudo se prepara.

E' aqui que se dão todas as grandes reviravoltas politicas e sociaes.

Ha aqui, como n'um theatro, sempre alguma cousa nova a ver.

Onde já se vio por exemplo, episodio mais comico do que essa reclamação do ministro de Italia?

As gazetas publicam a lista das curiosidades do dia, e verdade, dão o programma dos espectaculos, a descripção das festas.

Mas não basta a noticia, é preciso ver, ver de perto o grande drama vaudeville da vida fluminense.

Fallemos pois um pouco do Rio de Janeiro, ates que vão pensar la em cima que se morre aqui de calor e se boceja de tedio.

Muito interessante e bem concorrido o ultimo concerto do Club Mozart.

Apezar da temperatura quasi senegalina, ás nove horas já havia grande concorrência.

A's dez, os salões estavam ainda não repletos, mas já brilhantes de toilettes.

Entretanto se espera ainda um pouco e só depois das dez começa o concerto.

As salas então transbordam.

Eu pude distinguir d'entre a via-lactea de sedas e setins que enchia o grande salão, algumas toilettes de grande gosto e outras de luxo e riqueza.

Muitas jovens sobretudo, dando á festa a graça prazenteira da sua juventude.

Do lado dos homens ou do lado frio, os officiaes da canhoneira portugueza *Sado*, com os seus uniformes quebravam a monotonia das tristes sobrecasacas.

O programma, um pouco alterado na sua ordem em consequencia das retardarias, foi todo bem executado.

Era alem d'isto bem escolhido:

Simão Bocanegra, de D. Lavregio, grande duo de concerto para flauta e clarineta, e acompanhamento de piano, pelos Srs. Motta Mello, A. Duarte e Couto.

Io la perdi! de Titto Mattei, romance para soprano, mimosamente cantado pela Exma. Sra. D. Anna Moscoso.

A Exma. Sra. D. Eugenia Leal executou com muitos applausos uma sonata de Beetowen.

Tambem foi muito applaudida a Exma. Sra. D. Maria Barros, que cantou com expressão a melodia *Musica prohibita* de E. Galtaldon.

La petite mendicante, de Baermann, solo para clarineta e acompanhamento de piano, pelo Sr. Duarte.

Roberto il diavolo, de Meyerbeer cavatina para soprano, pela Exm. Sra. R. F. (não ler Republica Franceza) e acompanhamento de piano.

Muito applaudida ainda a Sra. D. L. Rumbelsperger na aria de Meyerbeer *Lamento della mendicante*, para soprano.

Terminando pelo grande concerto de Weber para piano e quartetto de cordas, pela Exm. Sra. D. Emma Quintella e os Srs. Raul, Max, Costa e Schindler.

Muitas palmas...

E uma visível demonstração de alegria em todos os semblantes do lado bello.

Ia ver chegar a hora do baile.

E é pelo baile, pela dansa, pela valsa, pela valsa sobretudo que ellas estavam ali.

Imagem se correram animadas as danças e até que deshoras durou o baile.

E' isso, a vida, gosar
Em perfeita embriaguez
Mais vive quem mais desmaia
De amores na languidez.

O Club-Mozart merece realmente os mais sinceros louvores pela maneira intelligente por que tem sabido manter sempre divertidas, sempre alegres as suas festas juntando ao culto de Melpomene o de Terpsichore.

Como praseres do officio de chronista eu tenho as minhas correspondentes.

Umam amaveis, outras...

Outras amaveis tambem, todas amaveis portanto. A mulher é sempre amavel.

Outro dia, tive o grande pezar de não poder responder a uma; a sua curiosidade ia muito longe.

Hoje porem vou ter a satisfação de responder a pergunta da Sra. Aug. X, que me consulta confiadamente n'estes termos:

„ Ter'no ouvido fallar muito d'um romance francez d'este anno *Autour du mariage* de Gyp.

„ E' um romance serio, moral? Posso lê-lo sem receio? Espero o seu conselho.

Tanta confiança obriga-me a ser igualmente franco com a minha amavel correspondente.

E assim, respondo:

Em primeiro lugar minha Senhora o romance *Autour du mariage* não é publicação d'este anno; mas sim de 1882.

Foi com effeito em 1882 que S. começou na *Vie Parisienne*, a publicação da sua obra.

O grande successo que ella obteve no jornal animou o autor a publical-a em volume, que appareceu o anno passado, e assignou-o Gyp.

O romance, que é um estudo de costumes, fez então barulho nos salões de Paris.



O TAMANDUÁ DO JARDIM ZOOLOGICO DE BERLIN

E realmente o livro é escripto com muito espirito e não pouco humor.

Mau humor sobretudo.

Gyp é uma dama, e dama nobre, condessa, creio, descendente dos Mirabeau.

Conhece portanto o mundo parisiense, ou melhor ainda os mundos.

Ha diversos: o grande mundo, e descendo, ha-os até o que Dumas chamou *demi-monde*.

Não é, absolutamente, de nenhum destes mundos que nos falla a autora.

Os seus personagens não são nem da verdadeira nata nem do mundo equívoco.

Pertencem antes a um mundo intermediario entre os dois, e que participa de ambos.

Conhecedora de todos estes segredos, pinta-nos alguns quadros de um colorido sempre vigoroso e real.

A's vezes, é cruel de verdade; mas nunca passando os limites da decencia.

Paulette, a heroína do seu romance mantém-se immaculada; e é antes uma cabeça phantastica do que um coração perdido.

O que a autora quiz sobretudo combater são certas facilidades da vida, certos vícios de educação.

O livro é porem d'uma finura realmente esquisita. Cheio de espirito e de maldade; mas artistico e respeitoso.

Para a leitora de espirito, de boa educação, não ha o menor perigo em lê-lo, e não será senão um agradável passatempo.

Um espirito fraco apaixonar-se-ia talvez pelo typo original de Paulette...

Está, minha senhora, francamente tudo quanto eu penso do malicioso romance *Autour du mariage*.

Agora se quer livros ainda agradaveis a leitura e completamente innocentes, leia os

Poemas da escravidão de Henry W. Longfellow, traduzidos pelo Dr. Bittencourt Sampaio.

São bellissimos e são humanos.

Longfellow foi o primeiro que n'aquella outra metade d'America, fez vibrar os encantos da poesia lyrica.

A sua musa coroava-se das enredanças toscas da floresta virgem e alçava-se até os altos cimos como o passaro azul do Mes-hacebê.

Havia nos seus vôos de anjo a amplidão das azas do cordor.

Um sopro de liberdade e de amor, de fé candida e de altivez selvagem parece encher-lhe a alma.

Atravez dos seus cantos, no extase do seu *Excelsior* se respira a brisa que passou sobre os prados desertos, que se perfuma do odor das flores ignoradas; e se refresca atravessando os grandes lagos não percorridos.

Na sua bellissima *Evangelina* é o Lamartine juvenil do novo mundo,

Os seus *Poemas da escravidão* são gritos pungentes do amor pelos desgraçados.

São quadros dilacerantes de sentimento e de verdade.

Mas cheios de candura, graciosos, poeticos e d'uma san inspiração.

E já que enveredei hoje pela bibliographia anunciarei mais um bom livro.

Excellentissimo mesmo.

O segundo volume com que acaba de mimoscar-nos o Sr. Alberto de Oliveira é realmente delicioso.

O poeta, que tanto promettera no seu primeiro livro quanto nos paga agora nas *Meridionaes*.

Hoje em dia já não é mais uma esperança; o Sr. Alberto d'Oliveira firmou d'uma vez o seu nome, collocando-se decididamente acima do par.

E' um poeta, um artista, como foi um poeta, um artista Theophile Gautier.

Elle é sobretudo um poeta util ao seu tempo, á sua epocha, á sua geração,

Util e necessario, eu devia mesmo dizer, a todas essas almas jovens que tão feias seducções litterarias attraem.

E que podem inspirar-se, beber, na sua poesia como n'um calice de bom vinho, cheio de sol.

A sua poesia não é a poesia dos nossos outros poetas, que o leitor envenenado toma ás vezes, como se toma o opio.

Não. E' a doce e boa poesia, onde o poeta parece ausente e o leitor só, gosa e saboreia.

A forma é perfeita; n'este livro, elle já não vacilla d'uma letra.

E o pensamento poetico, sempre bello, sempre sublime, tem um que de pagão, de olympico.

Os quadros, que elle nos pinta, as narrativas que elle nos conta, têm todas a frescura, o encanto da boa, da san poesia.

O que aprecio sobretudo no poeta é que quando tantos cantam a sombra, o terror, elle, Alberto d'Oliveira, joven, ainda, cheio de esperanças, canta animado:

„Fiat lux!“

Bemaventurados aquelles que crêm ainda alguma cousa!

Poesia ou amor? não é sempre o esquecimento de si mesmo n'um pensamento querido?

Não é a abdicção do egoismo e da vaidade, o desdem do ouro bruto, culto abençoado da chimera, quer ella se chame Musa ou Mulher?

Lêde as *Meridionaes*. leitoras, a sua leitura far-vos-á bem.

Um echo de Petropolis, para terminar.

Entre dois elegantes:

— Estás tão triste?

— Pudera!... Sabes que dia é hoje?

— Sabbado.

— Dia de subirem os pais de familia.

... Não posso nem vê-la nem fallar-lhe.

DANTAS JUNIOR.

BIBLIOGRAPHIA

A Livraria Contemporanea de Faro & Lino é editora de um gracioso livro do Visconde de Benalcanfor, *Leituras de verão*.

Lê-se sem o minimo esforço e até com prazer, renovado de pagina a pagina, este volume composto de trechos de folhetins, em geral breves, que levarão a leitora do Tejo ao Guadiana, a Lisboa, ao Algarve, ao Nilo, ao Cairo, a Suez, aos banhos de mar, aos versos, á contemplanção da natureza, n'um estylo facil e corrente, colorido e despreoccupado.

E' um companheiro agradável e discreto que recommendamos ás nosas leitoras para as horas vagas de Petropolis ou de Friburgo.

EXPOSITION UNIV^{le} 1878
Médaille d'Or Croix de Chevalier
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

Gottas Concentradas

E. COUDRAY

PERFUMES DA MODA PARA LENÇO

Estes Perfumes, reduzidos n'um pequeno volume, são muito mais duradouros e mais suaves no lenço que todos os outros extractos de cheiros conhecidos até agora.

Artigos Recomendados:

PERFUMARIA de LACTEINA

Recommendada pelas Celebidades Medicas.

AGUA DIVINA, dita Agua de Saude.
OLEOCOME, para a Belleza dos Cabellos.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabellerias da America.

CASAS FREQUENTADAS Pela Aristocracia

FRANCEZA e BRASILEIRA

ESPARTILHOS

Mesdames **DE VERTUS** Irmãs

(PRIVILEGIADAS)

Paris — 12, rua Auber — Paris

O nome de Mesdames de Vertus é universalmente conhecido graças aos seus maravilhosos espartilhos de um corte sempre perfeito e de extrema elegancia. Esta casa, a primeira de Paris, é patrocinada pelas senhoras da alta sociedade da Europa e da America.

MACHINAS DE COSTURA

Grande numero de nosas leitoras nos consultam á respeito da compra sempre difficil de uma boa machina de costura. Nos apressamos em recommendar-lhes as Celebres Machinas da Casa **D. BACLE**, 46, rua do Bac, em Paris.

Esta Casa possui um grande sortimento de Modelos aperfeicoados; é a unica proprietaria do *Pedal Magico*, motor hygienico privilegiado e premiado com uma medalha. O feliz resultado d'esta soberba invenção não tem precedentes e merece a nosa recommendação. Para mais amplias informações aconselhamos que se peça

O Catalogo Illustrado, Casa **D. BACLE**, 46, rua do Bac, Paris.



— Como és feliz de poderes tomar do bom Xarope de Iodureto de Ferro de Blancard, em lugar das Pilulas que não podias engulir!

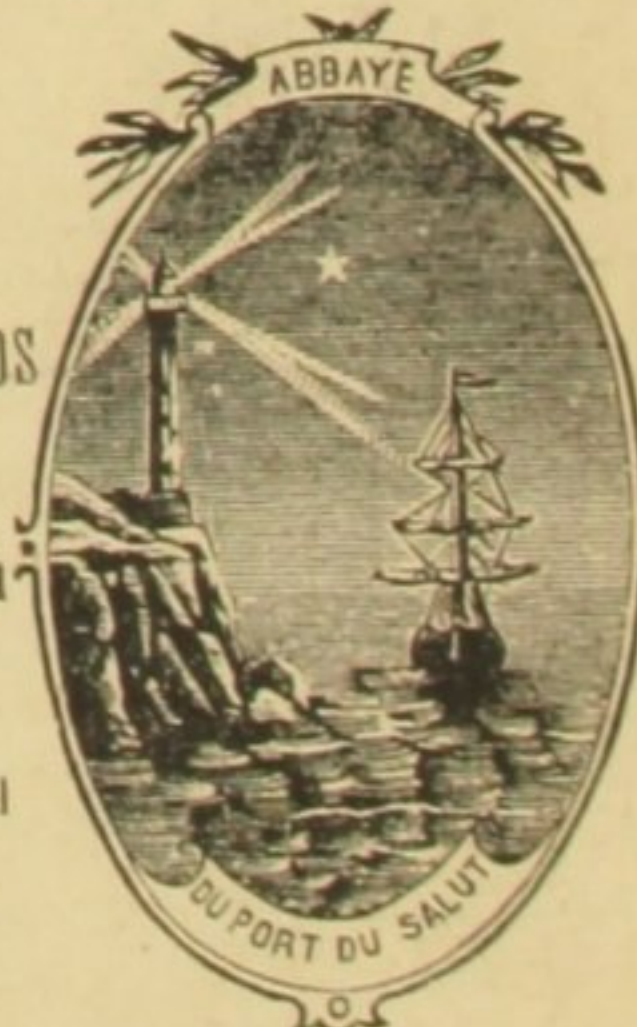
O Xarope de Iodureto de Ferro de Blancard possui as mesmas propriedades das Pilulas. E' especialmente preparado para as Crianças e Pessoas que têm difficuldade em tomar medicamentos sob a forma de pilulas.

DEVE-SE EXIGIR A ASSIGNATURA **BLANCARD**

Semolina

NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE

Composto PELOS RR.PP. Trapeiros do Mosteiro DE Port-du-Salut
Menção Honrosa na EXPOSIÇÃO Universal Internacional PARIS 1878
Deposito Geral: PARIS R. des Lions-St-Paul N° 2



Os principios reconstituintes da Semolina são obtidos ao mesmo tempo pela porção cortical dos melhores cereaes, e dos saes naturaes do leite de vacca não tendo soffrido alteração alguma.

Creou-se aparelhos especiaes muito aperfeicoados, tanto para evaporar o soro do leite e mistural-o com a farinha, como tambem para dar a esta mistura a forma de graintos que a torna mais facil de ser empregada.

Este excellente producto é receitado pelas sumidades medicas ás pessoas fracas, aos Convallescentes, ás Crianças, ás Amas de leite, ás pessoas que tem o estomago caçado, o Peito debilitado e a todas aquellas de constituições delicadas, com a certeza de dar-ches um remedio effcaz.